**“NADA SOBRE NÓS, SEM NÓS”: MOVIMENTOS SOCIAIS À LUZ DAS PESSOAS**

**COM DEFICIÊNCIA**

 AQUINO, Shirleyanne Santos1

 AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira2

**RESUMO**

As primeiras reivindicações em massa ecoam e são inspirações para muitos movimentos sociais ainda hoje. A atuação das minorias oprimidas que saíram dos seus lugares do silêncio é uma demonstração do quanto que a história guarda registros dos homens e mulheres que lutam pela igualdade, pelo respeito aos princípios do direito à diversidade, respeito ao espaço das vozes. O direito à voz é o exercício de cidadania principalmente em um estado democrático de direito. Este trabalho relaciona a construção histórica em que se teceu a luta das pessoas com deficiência e a sua atribuição como cidadãos políticos no Estado, inclusive construindo e praticando a cidadania. Objetiva-se apontar ações que contribuíram para a reconstrução de políticas e práticas destinadas às pessoas com deficiência, e explanar o momento que esses sujeitos assumiram o protagonismo dos movimentos. A metodologia da pesquisa é de cunho bibliográfico e direciona-se a investigar os registros históricos dos movimentos sociais que foram liderados pelas pessoas com deficiência e como se instituíram. Como resultado, foi visível o destaque da participação das pessoas surdas nos que movimentos sociais, sendo esse grupo o que mais participa em todo o mundo. Conclui-se que, os movimentos sociais devem ser tratados como a manifestação de um direito fruto do processo democrático, e que nos movimentos das pessoas com deficiência é importante que eles sejam sujeitos do processo de lutas e conquistas.

**PALAVRAS-CHAVE**: deficiência; movimentos sociais; protagonismo.

Compartilhando do escrito de Alain Touraine em La production de lá societé (1973) o

conceito de movimentos sociais compreende-se como a ação coletiva exercida por um

determinado grupo que compartilha uma ideologia em comum e que tem como objetivo

alcançar mudanças sociais por intermédio de uma negociação ou reconhecimento político.

Nesse diálogo de Touraine são requisitados os valores ideológicos determinada dentro da

sociedade e permeado sempre por uma tensão social que é justamente o que ocasiona a

motivação e para as lutas sociais. Ainda insiste o autor sobre que a a luta por um algum ideal,

seja pelo questionamento de uma determinada realidade que se caracterize como algo que

bloqueia a efetivação dos seus anseios, os movimentos sociais constróem uma identidade para

a luta e defesa de interesses de um grupo de pessoas.

1. Pedagoga, mestranda em educação no POSEDUC/UERN, e-mail: shirleyanneaquino@hotmail.com
2. Prof.ª. Dr.ª. : Ana Lúcia Oliveira Aguiar. Doutora em Sociologia, Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, e-mail: oliveiraaguiarpetro@gmail.com

Objetiva-se com essa discussão somar os diálogos que discutem o papel dos movimentos sociais junto à luta dos direitos e melhorias de vida dos grupos com representação minoritária na sociedade. Ligar o tema movimentos ao protagonismo das pessoas com deficiências é trazer a voz dos próprios interessados e diretamente atingidos pelas carências da qualidade de vida que estão sujeitos. Por muito tempo as pessoas com deficiência foram anuladas pela sociedade e tiveram a sua cidadania negada. O subtópico a minha vez, a minha voz: a historicidade dos movimentos sociais traz o revisitar histórico dos movimentos sociais.

O segundo subtópico tem como título: Espaço dado é espaço conquistado, exercendo a luta ativamente**.** Ao analisar a expressão “luta por meus direitos” não reflete a real luta que as pessoas com deficiência enfrentam todos os dias para ter garantia dos seus direitos. Assim, é louvável o crescente número de pessoas que indiretamente ou diretamente abraçam a militância pelos direitos das pessoas com deficiência. É exemplar ver no meio daquela voz, os próprios autores daquele grito, daquela luta, estes que dão altivez ao movimento, e são esses muitos, que enfrentam barreiras físicas, intelectuais, econômicas, mas que não esperam, vão às rua reivindicar os seus direitos.

Conforme o livro História do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil compilado por Mario Martins (2010) o surgimento de instituições constituídas por pessoas com deficiência e geridas por elas mesmas vem a acontecer por volta do século XX. Mario Martins continua e dizendo que o principal motivo desse surgimento é a solidariedade entre os parceiros pertencentes aos grupos das variadas deficiências, que antes da década de 1970 se reuniam localmente dentro de suas ruas ou bairros. De maneira geral, estas pessoas não tinham uma sede, lei que os regulamentassem ou qualquer outro instrumento formal que validasse a sua existência tangível com associações que os representassem como um todo. As iniciativas criadas por esses grupos visavam a ajuda mútua à sobrevivência, sem diretamente um objetivo político. Conforme advoga o referido autor, são justamente essas instituições que seriam o “feto” do que representa o início das associações sindicais, e das organizações dos movimentos sociais das pessoas com deficiência no Brasil, algo que já pôde ser visto na década de 1970 ainda no regime de ditadura que não foi capaz de silenciar os movimentos sociais.

O terceiro tópico trata dos movimentos dos surdos: Língua Brasileira de Sinais, cultura e identidade surda. Skliar (1998) no livro A surdez: Um olhar sobre as diferenças reflete que devido a instalação das escolas para surdos, surgiu também as discussões de escolha do melhor método de educação de surdos: a Língua Brasileira de Sinais, o oralismo ou os dois métodos. O autor narra que por muito tempo a Língua de Sinais foi proibida oficialmente em diversos países, sob a alegação de que destruía a habilidade de oralização dos surdos, como se eles fossem capazes da oratória. Skliar continua e fala que a proibição despertou o que alguns autores chamam de “isolamento cultural do povo surdo”, já que a proibição dessa língua tem por consequência a negação da cultura e da identidade surdas. Acrescentando, pronuncia Skliar que essa proibição criou o que alguns estudiosos contemporâneos chamam de

“ouvintismo”, que seria o conjunto de representações dos ouvintes a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte. O termo é uma analogia a colonialismo e colonialista. O autor acrescenta assinalando um momento em que os alunos surdos eram proibidos de usar a Língua de Sinais. Assim, para impedir-lhes o uso, foram adotadas medidas extremas tais como: forçar os alunos a manter os braços cruzados, amarrar as mãos, comparar quem usava a língua de sinais com macacos. Mas paralelamente os povos surdos ainda permaneciam com os gestos, longe dos olhos da ditadura da oratória e foi assim que hoje a comunidade surda se destaca com o seu ativismo nos movimentos sindicais, sendo o grupo social com maior destaque nas lutas.

Desse modo, pode-se concluir que a construção histórica em que se teceu a luta das pessoas com deficiência, para o pleno exercício de sua cidadania só é possível através da soma permanente de esforços. Por muito tempo como se analisa na história, as pessoas com deficiência e outras minorias tiveram negada a sua cidadania, mas hoje é preciso reconhecer alguns avanços significativos, mas que também há um muito ainda a se construir.

**REFERÊNCIAS**

GARCIA, Maria. Desobediência civil: direito fundamental. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1994.

História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil / compilado por Mário Cléber Martins Lanna Júnior. - Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010, 443 p. Disponível em: <[http://www.portalinclusivo.ce.gov.br/phocadownload/publicacoesdeficiente/historia%20mov](http://www.portalinclusivo.ce.gov.br/phocadownload/publicacoesdeficiente/historia%20movimento%20politico%20pcd%20brasil.pdf) [imento%20politico%20pcd%20brasil.pdf](http://www.portalinclusivo.ce.gov.br/phocadownload/publicacoesdeficiente/historia%20movimento%20politico%20pcd%20brasil.pdf)> Acesso em 8 set. 2015.

PERLIN, G. Histórias de vida surda: identidades em questão. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS, Porto Alegre, 1998.

PRESNEAU, J. R.; FERRAND, C. The Scholars, the Deaf, and the Language of Singns in France in the 18th Century. In: FISCHER, R.; LANE, H. Looking Back: a read on the History of Deaf Communities and their Sign languages. International Studies on Sign Language and Comunication of the Deaf. V. 20. Hamburg: SIGNUM-Verlang. 1993, p. 413-427.

SKLIAR C. (org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação,1998.

THOREAU, Henry David. A desobediência civil. Tradução: Sérgio Karam. Porto Alegre: L&PM, 1997.

TOURAINE, Alain. Producion de La société. Paris, Editions du Seuil, 1973.